

Entrevista com Elisa Pinheiro

"O Museu de Lanifícios preserva a memória dos covilhanenses"

A directora do Museu de Lanifícios acompanhou-o desde os seus primeiros passos. Agora fala do novo núcleo que deve abrir ao público em 2006.

Ana Maria Fonseca e Daniel Sousa e Silva

Urbi - Para quando a inauguração do novo Núcleo do Museu, situado na antiga fábrica José Mendes Veiga?

Elisa Pinheiro - O edifício está em vias de conclusão. Já transportámos para a área de reservas algumas máquinas de grande porte que estão agora a ser montadas.

No entanto o núcleo abarca duas alas. Uma delas está adstrita ao Centro de Documentação/Arquivo histórico e, a outra ala é o Núcleo Museológico. O Centro de Documentação/Arquivo Histórico, muito provavelmente para Abril, começaremos a fazer a transferência, e também a nossa instalação nos novos gabinetes. Depois tudo o que é da parte museológica irá certamente implicar cerca de dois anos de trabalho longo e moroso.

Se tudo correr bem, e se conseguirmos os projectos aprovados nos *timings* previstos é provável que em 2006 esse novo núcleo esteja já aberto ao público.

Na museologia é necessário elaborarmos um programa de base que tem a ver com os fundamentos do museu, o que é que o museu vai expor, no fundo é toda a caracterização do espólio, que, do que já deu entrada, está todo inventariado. A Real Fábrica de Panos chega até aos inícios do século XIX, e dá-nos a visão do que era uma grande manufatura, do Estado. Agora é necessário vermos como era uma grande fábrica que lhe sucedeu.

U- Que papel desempenham os achados arqueológicos do local encontrados no novo núcleo e que aí ficarão integrados?

E.P. - Uma das características do nosso museu é que os dois núcleos complementam-se um ao outro. Acaba por ser a musealização *in situ* No primeiro são as estruturas ligadas às caldeiras de tingimento, e é interessante porque há ali também uma linha de continuidade, as caldeiras a fogo directo. O que vamos encontrar no novo núcleo são as estruturas em tijolo das caldeiras também para tingimento, mas já numa segunda fase, com uma nova energia que é o vapor. Mantém-se assim uma certa linha de continuidade.

U- Mas há outras estruturas anteriores que foram também encontradas, relativas a um espaço mais antigo?

E.P. - Sim, temos algumas estruturas dos finais do século XIX, e várias dos anos 30 e 40. A partir daí há de todas as décadas. Procuramos encontrar máquinas representativas da evolução tecnológica.



"A nossa missão é conservar o espólio, investigá-lo e divulgá-lo"

intervenção arqueológica de emergência, acompanhada pelo Professor Michael Mathias, arqueólogo da Universidade, mas está tudo integrado no novo espaço.

Aliás, estas descobertas implicaram a alteração completa do projecto, já que para esse local estavam previstas instalações sanitárias e a cafetaria.

U- Além dessas estruturas que acabam por constituir um museu de sítio, como é constituído o restante espólio?

E.P. - Neste momento temos 600 peças inventariadas, destinadas a este novo núcleo.

Essa parte abarca máquinas e equipamentos, ligados às diversas operações têxteis, no âmbito da produção dos tecidos.

O espólio que temos a nível documental é muito volumoso, e será incorporado no Centro de Documentação/Arquivo Histórico, que está em ligação com o núcleo museológico.

U- Qual é o objecto mais antigo do espólio?

E.P. - O documento mais antigo é do século XVII, referente à transição de panos, mas é um documento único. Dispomos dos documentos da Campos Melo e da Fábrica Alçada, de meados do século XIX. É preciso realçar que a nossa documentação não é exclusiva à Covilhã, porque o objectivo é conservar tudo o que diga respeito ao património têxtil ligado aos lanifícios.

Relativamente às máquinas é um pouco mais difícil, porque estamos agora a tratar da fase da industrialização e as máquinas são de série, mas temos seguramente máquinas dos finais do século XIX, e várias dos anos 30 e 40. A partir daí há de todas as décadas. Procuramos encontrar máquinas representativas da evolução tecnológica.

U- Que outros projectos estão em curso?

E.P. - Neste momento estamos a desenvolver o projecto Translana, que nos vai permitir dar continuidade à musealização da Real Fábrica Veiga, e ao mesmo tempo, definir uma rota peninsular da lã. Estamos a fazer o levantamento das unidades fabris e de todos os sítios ligados aos lanifícios em toda a região e às vias da transumância, numa área que vai de Castelo Branco até à Guarda.

U- Qual o número de visitas ao Museu?

E.P. - As visitas ao Museu têm vindo sempre a aumentar de ano para ano, e situam-se numa média de 10 mil por ano.

Temos fundamentalmente visitas de escolas, mas também de particulares. Tem vindo a crescer muito a frequência das visitas ao domingo. Os prémios e os projectos em que estamos envolvidos, acabam por dar a conhecer o Museu.

U- Que reacção têm os covilhanenses, uma vez que é um pouco da sua história que está patente no Museu?

E.P. - É interessante verificar que temos muito mais visitante de fora do que da Covilhã. As pessoas pensam, à partida, que já ficaram fartas de fábricas, que já conhecem. Houve uma dificuldade inicial em ultrapassar as portas de entrada. Mas de facto, o que lá está não é aquilo de que estamos à espera.

Penso que se sentem bem, a avaliar pelas reacções. As doações que temos são representativas de que a visita acaba por ser gratificante. Reconhecem e reconhecem-se lá.

U- Como é que gostaria de ver o Museu num futuro próximo?

E.P. - Gostava que partisse da interactividade com o público. O museu pertence a uma Universidade e pensamos que deve veicular um conjunto de informação e de conhecimentos na senda científica e deve fazê-lo de forma a cativar o público. Nesse sentido, gostaria de ver este novo núcleo, que é da industrialização, com uma dinâmica diferente daquela que temos na Real Fábrica dos Panos, onde há aquilo que chamamos de espírito do lugar, e isso tem de ser preservado e respeitado.

Mas este novo, uma vez que nos vai falar da industrialização, terá que veicular um pouco aquela imagem do mundo fabril. E simultaneamente sustentado da região. É um equipamento que também está ao serviço do turismo cultural.

perfil



Nasce no Tortosendo, e lá faz a escola primária e também o primeiro e segundo ano do liceu. "Na altura era considerado um ensino praticamente doméstico, porque não havia ainda colégios no Tortosendo e os meus pais achavam-me ainda bastante franzina para vir estudar para a Covilhã", lembra. Vem para esta cidade frequentar o liceu do terceiro ao sétimo ano.

Depois segue para Lisboa, onde se licencia em História na Faculdade de Letras, local onde faz também as ciências pedagógicas. "Comecei a trabalhar antes de ter concluído a licenciatura, em 72. Dava aulas no colégio Portugal na Parede, e estive também na escola Paula Vicente e no liceu Francisco Arruda", conta.

Entretanto casa e regressa à Covilhã, onde começa a leccionar no liceu Frei Heitor Pinto. "Até hoje pertenço ao quadro do liceu. Nos últimos 10 anos fui orientadora de estágios de professores de história", refere.

A sua vinda para a UBI acontece quase por acaso. Quando foram descobertas as estruturas que hoje pertencem ao Museu de Lanifícios, o então reitor, Passos Morgado, chama a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial para acompanhar o processo. Na altura, Elisa Pinheiro é a representante desta associação nacional na região Centro. Por isso acompanha toda a intervenção que foi feita a nível da conservação e recuperação daquelas estruturas. Começa por trabalhar na recuperação e musealização, mantendo-se até hoje à frente do Museu de Lanifícios.

Entretanto, foi desde o início docente na área de história na instituição, estando actualmente ligada ao Departamento de Letras. Presentemente encontra-se a desenvolver a sua tese de doutoramento no âmbito da história económica ligada à industrialização. "O meu trabalho tem a ver com a fundamentação histórica da localização da indústria de lanifícios na Covilhã e o período de estudo é entre 1837 e 1937.

Vou acompanhar a criação do tecido empresarial ao longo do século XIX, até 1937, o início do século XX quando volta a haver uma forte intervenção do Estado com as leis do condicionamento industrial", explica.

Nos seus raros tempos livres, Elisa Pinheiro aprecia longos passeios pelas ruas da Covilhã.